



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

## ESCOLA E PROTEÇÃO SOCIAL: um olhar sobre o processo de aprendizagem de crianças que sofreram violência sexual intrafamiliar

LEILA DE ALMEIDA SOUSA<sup>1</sup>

FACULDADE SUDOESTE/FASU

### Resumo

O presente estudo teve como objetivo identificar as percepções de diferentes profissionais acerca da exposição de crianças a uma realidade de violência sexual intrafamiliar e o seu desempenho sócio-interacional do processo de escolarização de crianças de um município do sudoeste da Bahia. Para tanto, foram realizadas a) entrevista semiestruturada envolvendo um psicólogo e assistente social do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e b) questionário aberto, direcionado a conselheiro tutelar, coordenadora pedagógica, professoras, bem como aos participantes da entrevista. Sob a perspectiva fenomenológica, esse estudo de caráter qualitativo permitiu observar as percepções dos diferentes profissionais envolvidos. Ao fim da pesquisa, os resultados indicaram que os participantes, a partir de seu contato com o fenômeno estudado a partir de sua experiência profissional, acreditam que tal fenômeno pode exercer influência tanto a curto como a longo prazo, implicando a existência de impactos negativos no processo de aprendizagem escolar, implicando no comprometimento das aprendizagens das crianças. Nesse sentido, os participantes apontaram como um possível caminho para prevenção a atuação da escola junto ao CREAS e ao Conselho Tutelar.

**Palavras-chave:** Escola. Família. Violência sexual infantil.

### Introdução

Elevados índices de notificações de violência sexual contra crianças têm suscitado de forma significativa discussões e pesquisas sob os mais diversos pontos de vista com o intuito de compreender as consequências desse tipo de violência nos infantes (Florentino, 2015), termos como *desenvolvimento, aprendizagem, família, assistência social, Conselho Tutelar e escola*, têm aparecido, atrelados uns aos outros, com frequência em muitas dessas pesquisas. Pensar em criança e violência sexual intrafamiliar implica pensar em que contexto familiar está inserida essa criança, bem como em que escola, tendo em vista que são esses os dois primeiros espaços de convivência de muitas crianças, desempenhando um papel de extrema importância para garantia e manutenção do seu desenvolvimento saudável. Além disso, implica também pensar em instituições como o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) e

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Sudoeste (FASU).



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Conselho Tutelar, na qualidade de espaços de assistência em caso de suspeita ou ocorrência de violência contra crianças.

No Brasil, de acordo com dados do Boletim Epidemiológico (2018), as pessoas que compõem o núcleo familiar das crianças têm sido indicadas como a maior parte dos agressores, assim, o espaço intrafamiliar configura-se como local com o maior índice de violência contra crianças, incluindo violência de natureza sexual. Em razão disso, desenvolvemos a presente pesquisa buscando, através do eixo temático Convivência social e educação, identificar a percepção de diferentes profissionais acerca da exposição de crianças à uma realidade de violência sexual no ambiente intrafamiliar e seu desempenho sócio-interacional no processo de aprendizagem de crianças residentes de uma cidade do sudoeste da Bahia. Como ponto de partida levantamos a seguinte questão: quais as percepções que têm diferentes profissionais acerca da exposição de crianças a uma realidade de violência sexual no ambiente intrafamiliar e o desempenho sócio-interacional do processo de escolarização? Assim, com vista em responder tal questionamento, 1) comparamos percepções de profissionais que trabalham nos diferentes espaços que atuam diretamente ou indiretamente com crianças que sofreram violência sexual e 2) propusemos estratégias educacionais para o enfrentamento e combate à violência sexual infantil intrafamiliar.

Ao todo, participaram desta pesquisa uma assistente social e um psicólogo membros da equipe técnica do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), um conselheiro tutelar, duas professoras e uma coordenadora pedagógica. Foi realizada com a equipe do CREAS uma entrevista semi estruturada, isto é, guiada por um aporte de perguntas que foram utilizadas para dar início ao diálogo, bem como para garantir que o diálogo não se perca do tema central (Fonseca, 2002). Assim, foram levantados subsídios para a elaboração do questionário online que posteriormente foi encaminhado a todos os participantes do estudo.

Essa pesquisa apresenta resultados de um estudo qualitativo de abordagem fenomenológica (Gil, 2008), percebendo a subjetividade e dinâmicas que atravessam o fenômeno estudado, onde fomos à campo nos períodos de 22 de abril a 27 de junho de 2021.

Como estratégia de análise dos dados, optamos pela utilização dos núcleos de significação, uma vez que contemplam o inquantificável através de análise dos significados por trás das palavras, não se restringindo às falas dos participantes, mas considerando aspectos como



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

contexto social em que estão inseridos, para a partir disso possibilitar a compreensão do sujeito que fala e, conseqüentemente, compreender os sentidos por trás de suas falas (Aguiar e Ozella, 2006).

## Desenvolvimento

O conceito de vínculo de Pichon-Rivière nos auxilia na compreensão da dinâmica de interações e afetos no núcleo familiar, com foco na noção de vínculo normal e patológico. O primeiro diz respeito a uma estrutura da relação considerada característica e normal, enquanto o vínculo patológico é aquele que apresenta características que fogem do padrão (Pinheiro, 2004), o que tende a marcar as relações intrafamiliares.

Os vínculos podem ser patológicos, na medida em que despotencializam o sujeito, ainda que possam ser normais quando fortalecem de forma positiva essa interação. A família, como local de cuidado e proteção, pode ser apontada também como espaço capaz de influenciar, tanto positiva quanto negativamente, a aprendizagem da criança, visto que o vínculo, enquanto processo de interação, constitui também um processo de aprendizagem.

Isso posto, identificamos 4 núcleos organizados: no primeiro, falamos sobre as projeções dos participantes acerca da instituição família, destacando seu papel e o fato de nem sempre o cumprir esse papel. No segundo, apontamos a possibilidade do impacto disso na aprendizagem. No terceiro, houve ênfase nos papéis da escola frente a esse tipo de violência, bem como suas limitações e necessidades. Por fim, no quarto, identificamos como necessária essa discussão na formação do professor pedagogo e a importância do trabalho em rede.

Quanto ao primeiro núcleo, os participantes indicaram a família como local de cuidado e suporte; no entanto, e contraditoriamente, também como lugar de desproteção, sendo em muitos casos um espaço de vínculos patológicos. Nessa mesma direção, com ênfase no contexto da escola, a literatura indica que é possível que esses vínculos patológicos marcados pela relação de violência cheguem ao ambiente escolar, uma vez que a criança pode não desenvolver o repertório de cuidado e acolhimento devido ao seu cotidiano não acolhedor (Pinheiro, 2004), assim, a criança poderá perceber o adulto com quem interage nesse ambiente como uma ameaça, como um inimigo, porque não consegue confiar, haja vista não ter segurança no local em que deveria ter, como disposto na pesquisa de Hirata & Baltazar (2006).



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

No segundo núcleo, os profissionais indicaram que, com base em suas experiências, compreendem que o fenômeno estudado pode comprometer o rendimento escolar. Contudo, acreditam que os impactos educacionais nem sempre ocorrem, e em algumas falas indicaram que não há informações suficientes para afirmar, já que nem sempre se sabe da ocorrência. A literatura concorda, mostrando que o impacto desse tipo de violência não é homogêneo: seu tipo e intensidade depende de vários fatores, entre eles o grau de intimidade emocional com o agressor (Echeburúa, 2006; Habigzang; Koller, 2006). Segundo Echeburúa (2006), quanto maior a intimidade entre agressor e agredido, maior o impacto, o que não se relaciona necessariamente ao título familiar, tais como pai, avô e tio, mas ao significado do agressor para a criança. Assim, o vínculo construído com o agressor influencia o quanto a violência afetará psicologicamente a criança.

No entanto, pode ser que os efeitos não se manifestem na escola de imediato, surgindo depois. Echeburúa (2006, p. 79, tradução nossa) afirma: "efeitos a longo prazo são menos frequentes e mais difusos que as sequelas iniciais, porém podem afetar, ao menos, 30% das vítimas". Ou seja, sequelas desse tipo de violência podem surgir a longo prazo. Embora acometam uma parcela menor, não se pode descartar a possibilidade de sequelas futuras, sendo necessário cuidado imediato com a criança, visando sua saúde presente e futura. Todos os participantes indicam possíveis paralelos entre violência sexual intrafamiliar e educação escolar, embora não seja possível afirmar que sempre ocorra. A Teoria do Vínculo corrobora que todo comportamento supõe um vínculo humano (Ritterstein, 2008), e a aprendizagem está ligada aos vínculos cotidianos, especialmente os do espaço privado.

No terceiro núcleo, os participantes apontaram a importância do diálogo entre escola e profissionais como assistentes sociais e psicólogos, a escola pode, por exemplo, fazer essa ponte entre educandos e demais órgãos, sendo percebida como um local estratégico tanto para descobrimento quanto para prevenção de situações de violência. Os participantes apontaram ainda que esse fenômeno é discutido com frequência por eles.

Por fim, no último núcleo, nas falas dos participantes foi possível notar uma noção de que a escola possui lugar privilegiado quanto a possibilidade de atuação no combate e enfrentamento a esse tipo de violência – ainda que essa não seja sua finalidade central –, ao mesmo tempo que reconhecem que em vista do caráter multifacetado da violência sexual intrafamiliar faz-se



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

necessário atuação de agentes de outros campos de atuação, daí a importância das articulações entre diferentes órgãos.

Os resultados mostram que tanto a família quanto a escola desempenham um papel fundamental no desenvolvimento infantil e na aprendizagem. Quando a família apresenta vínculos patológicos, a atuação da escola pode ser comprometida, tornando necessário o suporte de diferentes órgãos para garantir o acompanhamento adequado. E nesse sentido, estratégias que integrem a escola, o CREAS e o Conselho Tutelar surgem na fala dos participantes como potencial de prevenção.

## Considerações Finais

O presente estudo permitiu perceber que, embora haja uma crescente no número de pesquisas em torno do tema violência sexual infantil, muito há a ser estudado e compreendido, isso porque se trata de um fenômeno multifacetado e complexo.

A pesquisa mostrou que, embora se espere proteção da família, nem sempre ela ocorre; dados indicam justamente o contrário, levantando a questão: como proteger uma família de si mesma quando há indícios de vínculos patológicos? Com foco em intervenção, nossa análise em rede sugere que a mobilização dessa rede seja central. Assim, o trabalho contribui ao CREAS, reforçando a necessidade de diálogo com essa instituição, mais habilitada a conduzir ações especializadas. Também contribui ao CT, indicando a possibilidade de discutir em sala de aula a violência sexual intrafamiliar, sensibilizando estudantes e tornando a escola um espaço seguro para denúncias.

A reflexão evidencia a interdisciplinaridade e amplia o papel do pedagogo, que vai além da sala de aula, atuando na coordenação pedagógica, formação de professores e comunicação sobre violência, preparando-os para intervir diante de suspeitas ou casos confirmados.

O estudo confirma a relevância do tema para a Pedagogia, ao considerar a criança como sujeito que pode vivenciar violência intrafamiliar. Assim, é necessário pensar nas peculiaridades desse sujeito e do fenômeno, investindo em pesquisas e articulando escola e profissionais para gerar resultados efetivos, diante de números cada vez mais alarmantes.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

## Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200004>. Acesso em: 11 set. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico**. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. Brasília, DF: Ministério da Saúde, v. 49, n. 27, jun. 2018.

ECHEBURÚA, Enrique; CORRAL, Paz. Secuelas emocionales en víctimas de abuso sexual en la infancia. In: **Cuadernos de Medicina Forense**, v. 12, n. 43-44, p. 75-82, jan./abr. 2006. ISSN 1135-7606.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. In: **Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, maio-ago. 2015. ISSN: 1984-0292.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. H. Terapia cognitivo-comportamental e promoção de resiliência para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. (org.). **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 233-258.

HIRATA, Paula Quessada; BALTAZAR, José Antônio. Os efeitos psicossociais causados em vítimas de abuso sexual. **Revista terra e cultura: cadernos de ensino e pesquisa**, v. 22, n. 43, p. 92-94, jul./dez., 2006. ISSN 0104-8112. Disponível em: <https://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatest/article/view/1246>. Acesso em: 18 jan. 2022.

PINHEIRO, Maria Ivania. **Formação e avaliação do vínculo escola-família: os dois principais contextos para a criança**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

RITTERSTEIN, Pablo. **Una mirada sobre el aprendizaje: Enrique Pichon Rivière y Paulo Freire**. 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/12378971/APRENDIZAJE\\_Y\\_V%C3%8DNCULO\\_Una\\_mirada\\_sobre\\_el\\_aprendizaje\\_Enrique\\_Pichon\\_Rivi%C3%A8re\\_y\\_Paulo\\_Freire](https://www.academia.edu/12378971/APRENDIZAJE_Y_V%C3%8DNCULO_Una_mirada_sobre_el_aprendizaje_Enrique_Pichon_Rivi%C3%A8re_y_Paulo_Freire). Acesso em: 9 dez. 2021.